



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**ARTE DAS QUEBRADAS:
UM ESTUDO SOBRE ARTISTAS DE PERIFERIA.**

Fagner Souza Rodrigues

ARTE DAS QUEBRADAS: UM ESTUDO SOBRE ARTISTAS DE PERIFERIA.

Trabalho de conclusão do Curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Conceição Ferraz de Camargo

BRASÍLIA
2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ra RODRIGUES, FAGNER SOUZA
ARTE DAS QUEBRADAS: UM ESTUDO SOBRE ARTISTAS DA
PERIFERIA / FAGNER SOUZA RODRIGUES; orientadora DENISE
CONCEIÇÃO FERRAZ DE CAMARGO. -- Brasília, 2017.
41 p.

Monografia (Graduação - ARTES VISUAIS (LICENCIATURA)) --
Universidade de Brasília, 2017.

1. Cultura Visual. 2. Artistas de Periferia. 3. Educação para as artes. 4. Arte Social I.
CAMARGO, DENISE , orient. II. ARTISTAS DAS QUEBRADAS:
UM ESTUDO SOBRE ARTISTAS DE PERIFERIA.

FAGNER RODRIGUES SOUZA

**ARTE DAS QUEBRADAS:
UM ESTUDO SOBRE ARTISTAS DE PERIFERIA.**

Trabalho submetido à banca examinadora
em ____ de Julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Denise Conceição Ferraz de Camargo

Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

Prof. Eduardo Belga

Dedico este trabalho a todos os artistas atuantes nas *quebradas* do Distrito Federal, e em memória de Fabrício Branco.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que contribuíram direta ou indiretamente na minha formação como artista, em especial a minha família que sempre me apoiou em minha escolha profissional, a minha esposa, Melissa Garcia que sempre esteve ao meu lado nos momentos difíceis dessa trajetória, aos meus amigos Alexandre Bernardo e Davi Félix e parceiros que me ajudaram a fazer essa pesquisa. Agradeço também aos companheiros da minha *quebrada* que em nossas conversas e encontros sempre contribuíram e incentivaram meu trabalho como artista, em especial meu amigo Rômulo Lopes.

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre a produção artística da periferia de Brasília, a partir de entrevistas com artistas atuantes nas “quebradas” do Distrito Federal, como: Décio Souza/Décio Art’s (Riacho Fundo II), Diego Rodrigues (Recanto das Emas), Hudson Dias/Hudson HHArts (Samambaia), Laryssa Gabrielle (Recanto das Emas) e Sérgio Ianuck (Riacho Fundo II). Suas histórias de vida e trajetórias geraram o conjunto de depoimentos para um vídeo que integra este trabalho e pretende contextualizar esta produção na vivência em comunidade e os efeitos que a convivência nessas áreas causam na produção de cada um deles, considerando aspectos das diferentes linguagens artísticas de que fazem uso. O trabalho propõe mostrar como a arte local é uma ferramenta pedagógica para apresentar a estudantes das cidades em situação de risco no DF questões voltadas à arte e que estão muito próximas do cotidiano que vivenciam. Este trabalho também tem como objetivo específico mostrar o valor cultural de artistas das comunidades, muitas vezes anônimos para o circuito tradicional de arte, e esclarecer o potencial que eles têm em relação à valorização da cultura local e ao desejo de transformação positiva da “quebrada” por meio das expressões artísticas.

Palavras-chave: artistas de periferia; educação para as artes; produção artística.

RODRIGUES, Fagner Souza. **Artists of a Rough Area: A study on arts in the peripheries of the Federal District**, 2017. Monograph (Undergraduate) – Degree in Visual Arts, Department of Arts, University of Brasília, Brasília, DF, 2017.

ABSTRACT

This work is a study about the artistic production of the periphery of Brasília, based on interviews with artists working in the "rough areas" of the Federal District, such as: Décio Souza / Décio Art's (Riacho Fundo II), Diego Rodrigues (Recanto das Emas) Hudson Dias / Hudson HHArts (Samambaia), Laryssa Gabrielle (Recanto das Emas) and Sérgio Ianuck (Riacho Fundo II). Their life stories and trajectories generated the set of testimonies for a video that integrates this work and intends to contextualize this production in the community experience and the effects that the coexistence in these areas cause in the production of each of them, considering aspects of the different artistic languages of that make use of. The paper proposes to show how local art is a pedagogical tool to present students from the cities at risk in the DF questions related to art and that are very close to the daily life they experience. This work also aims to show the cultural value of artists from the communities, often anonymous to the traditional circuit of art, and to clarify the potential they have in relation to the valorization of local culture and the desire for a positive transformation of the "warren" by the artistic expressions.

Keywords: Peripheral artists; Education for the arts; Artistic production

.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
1. Arte e cultura “de” periferia.....	3
2. Arte “de”quebrada	7
2.1. Diego Rodrigues.....	8
2.2. Hudson Dias/Hudson HHArts	14
2.3. Décio Souza/Décio Art’s.....	18
2.4. Sérgio Ianuck.....	26
2.5. Laryssa Gabrielle	32
3. Arte local, uma ferramenta pedagógica.....	37
Considerações Finais.....	41
Referências	43

Introdução

Direto do cemitério das poesias
Contra a ordem atual
Só o poder da periferia
Até ficar bom pra todos
Não tá bom pra ninguém não
Objeto sem alma sempre foi dominador...
...e as correntes feitas de notas
E as algemas feitas de ouro
Estacionamento de mente pro povo
Autoestima vocês não roubam
Militância vocês não prendem
Seus bairros são nobres
Mais há camisas de hip hop
Sua área é valorizada
mas a favela tá com o boné da rapa
Padrão gringo, mundo ilusório...
... aqui ninguém comprou seu plano de negócio
O sistema criou armas
Paralisaram o conhecimento
Da faculdade arrombamos as portas
Sem consentimento
Diploma é um pedaço de papel
Que diz que você seguiu as regras
Deve diminuir distâncias
Mas não te tira da floresta
Da minha nota primeira da classe
Veio [sic] as mães que choram
Contando cápsula e datilografando
O filho que não volta
Esconderam que informação é a cura
E que terrorismo de Estado
Capacita jagunço uniformizado
Matriciaram que pobre preto
fica no poste esperando acender o baseado
E artista lambe bota do governo é patrocinado
Se a ronda escolar precisa aprender
que é meta pregar o caos
pra amanhã libertar você
Todos sabem a verdade
Só se esqueceram dela
Apurei não só a fala
Mas os ouvidos da favela
No final da prova
Uma só frase pra ser nosso grito
Seu tempo é curto
Estamos unidos
Acaba maconha, bebedeira e a ostentação
Essa porra não é letra
É conspiração
(FERREZ; KASKÃO; TADDEO, 2016, s/p)

Os moradores do Distrito Federal conhecedores da periferia de Brasília percebem um enorme potencial artístico nesses lugares, em especial ao que se trata das artes visuais. Pessoas que se preocupam em realizar um trabalho individual ou coletivo por meio da arte e com o objetivo de trazer conhecimento e cultura para uma comunidade esquecida pelos poderes públicos merecem, no mínimo, o reconhecimento e o respeito ao trabalho que realizam, por isso adotou-se o tema de “artistas de periferia” como foco dessa pesquisa.

Esta pesquisa, em sua primeira fase, foi de reconhecimento dos artistas escolhidos por meio de entrevista em vídeo com cada um a respeito do trabalho realizado. Nessa entrevista foram abordados temas como convivência em comunidade, processo de criação artística, técnicas, histórico do artista, intenção da produção, influências, relação com a comunidade artística local.

Foram escolhidos para estudo e análise, artistas atuantes em algumas cidades situadas na periferia de Brasília, como: Samambaia, Riacho Fundo II, e Recanto das Emas, regiões administrativas do DF .

Os artistas escolhidos para estudo nesse trabalho são pessoas que vivem nessas regiões e produzem arte em diversas linguagens como: desenho, pintura, escultura, grafite, zine, tatuagem, cenografia e artes gráficas. A arte produzida por eles é importante em vários meios de produção, desde a pintura destinada a exposições formais até o grafite e as intervenções urbanas.

Variados temas foram apontados nos trabalhos pesquisados, alguns recorrentes nas periferias como: preconceito, violência, repressão policial, preocupação com a natureza, paisagem urbana, religiosidade, cultura negra e criminalidade. Nas entrevistas realizadas com esses artistas, nota-se que cada um tem uma visão particular sobre o local onde vive e que fatos e pessoas de seus cotidianos são de importância fundamental em seus processos de criação e motivam os temas de seus trabalhos artísticos.

Esse momento foi muito significativo e trouxe muito aprendizado ao produzir este trabalho, pois foi possível conhecer de perto os artistas que, com suas ideias diferentes, mas com muito em comum, nos permitem refletir sobre a influência positiva que essas produções podem causar em um meio turbulento e cheio de contextos negativos que é a periferia. Ao conhecer melhor o trabalho desses indivíduos e suas particularidades como artistas, pode-se fazer várias

ligações com o contexto social e pensar como essa produção pode ser significativa dentro de um contexto escolar, ao mostrar que a produção de arte local tem particularidades e conceitos comuns que podem ser explorados de maneira pedagógica.

Em sequência, são apresentadas questões relevantes sobre os artistas e as suas especificidades e comportamento dentro dos cenários artísticos que cada um deles aborda em suas manifestações e pensamentos enquanto artistas.

1. Arte e cultura “de” periferia

O termo periferia refere-se às zonas de uma cidade que estão em torno do centro histórico; os subúrbios de uma cidade ou, ainda, os municípios que circundam um núcleo metropolitano central. Já a “quebrada” é associada às vizinhanças localizadas em periferias urbanas. Mas genericamente, apenas os moradores de uma determinada comunidade utilizam o termo “quebrada”, que seria um termo local para designar os locais por onde passam e vivem o cotidiano de suas vidas.

A arte “de” periferia é utilizada para colocar um pouco de sentido nos espaços geralmente invisíveis a quem passa, até que alguém chegue e deixe sua marca poética, transformando aquele espaço vazio de questionamento em algo instigante, como grafite, pichação, estêncil, desenho ou outra manifestação artística de rua, que chega e faz seu papel, incomodando ou agradando aqueles que frequentam as ruas.

A realização de trabalho artístico com base na vivência em periferia é mais que um fazer artístico, ultrapassa as barreiras criadas para limitar o potencial do artista, desde a falta de uma base educacional até as condições sociais em que ele vive.

Assim o espaço urbano é uma alternativa como forma de manifestar sentimentos e expressar ideias diretamente ligadas ao espaço e à convivência no ambiente muitas vezes hostil.

A produção artística “de” periferia proporciona um entendimento e um questionamento das regras que definem o que é permitido ou não em relação à

apropriação do espaço público, já que em muitas vezes não há uma autorização prévia para que se possa realizar a intervenção no espaço.

Dessa forma, é necessário dizer que a paisagem da cidade se afirma em torno de uma certa cultura visual e pode ser interrogada como capítulo da história da imagem, ao relacionar urbanidade e visualidade. No âmbito urbano, é indispensável criar circuitos alternativos de produção da imagem, desvendando oportunidades de expressão e de conquista de uma reflexividade, agora desdobrada em variadas manifestações. A cidade-galeria contemporânea, com suas ilimitadas possibilidades de inserção dessas manifestações, agrega condições múltiplas para a emergência das distintas formas da cultura visual reinante. (ARAUJO, 2011 s/p).

Essa produção convive com vários conflitos que se tornam parte essencial na realização da atividade criativa que mostra, por sua vez, uma identidade particular que esse ambiente proporciona, como a violência, o descaso com a educação, o conflito com autoridades policiais, a falta de intervenção positiva dos meios governamentais, o preconceito.

A periferia influencia seus artistas a modificarem seu espaço, rompendo com regras hegemônicas e manifestando o direito de se expressar, mesmo que de maneira ilegal e anônima. Em geral, a arte de periferia busca uma forma de chegar a uma compreensão fácil a quem vê, através de mensagens diretas e com forte teor político e identitário em seu conteúdo e na forma como é executada, trazendo conceitos e regras de criação que fazem desse movimento urbano um movimento de possibilidades infinitas, desde o suporte até o conteúdo, e que mostra o orgulho do artista de pertencer a sua quebrada, a “sua” periferia. Magnani (2006) afirma que:

É assumida, com uma conotação positiva, enfatizando não só a carência, mas o pertencimento, há aí uma certa visão propositiva, segundo qual “ser da periferia” significa participar de um certo *ethos* que inclui tanto uma capacidade de enfrentar as duras condições de vida, como pertencer a redes de sociabilidade, a compartilhar gostos e valores. Essa conotação aparece de forma mais contundente na noção de “quebrada”, que significa localizá-lo numa rede bem concreta de pertencimento, e ao mesmo tempo como participante de uma condição geral de vida. (MAGNANI, 2006, p. 30.)

Com uma linguagem própria, artistas de periferia criam, por meio de invenções no ambiente urbano, sua própria história em narrativas visuais contextualizadas dentro de um meio social, em geral, de risco. Desta maneira unem os aspectos arquitetônicos com um contexto político e artístico que envolve os moradores em suas vivências compartilhadas em comunidade. Fazem dessa prática social um retrato com uma realidade estética particular, por causa do ambiente difícil, porém criativo, que é a periferia.

A periferia como estrutura que constrói e mantém um cotidiano particular para uma produção cultural abrange um lado marginal da cidade, introduz aspectos particulares no modo de ver, interpretar e produzir arte de diversas linguagens, sendo provedora de conhecimentos particulares aos que habitam esses locais, como se observa nos trabalhos dos artistas estudados a seguir, um exemplo claro dessa influência que a periferia traz ao artista.

A produção cultural de periferia é movida por fatos e vivências de transformação social de cunho político e valorização do conteúdo cultural particular desse meio, partindo de princípios sociais vividos diariamente, mesmo que negativos, como a violência, a pobreza e a má distribuição de renda. Por meio da autoafirmação de valores presentes no comportamento dos artistas atuantes, é construída uma ação positiva, levando em consideração não só as desvantagens de se habitar nas quebradas, mas o reconhecimento próprio, a valorização da origem e da construção intelectual por meio do pensamento criativo e das manifestações de seus códigos, linguagem, gírias, modo de vestir, práticas sociais e símbolos visuais.

O centro urbano caótico inspira o artista tanto pela imagem positiva, quanto pelos fatos que implicam resultados negativos, pela vontade de embelezar a cidade ou pela necessidade de se expressar por meio da arte. Esses trabalhos provocam um olhar diferente aos espaços antes neutros e trazem a arte para pessoas que não têm esse acesso.

A produção artística periférica é uma arte democrática, pois a informação sobre a arte é mais acessível e a repressão contra o ato de intervir em espaços urbanos está menos aparente. Assim, a arte produzida nas quebradas está cada vez rompendo mais barreiras e chegando a lugares como às grandes galerias de

arte, representando um grande coletivo de arte, pois esse tipo de trabalho está sendo feito a todo o momento em vários lugares do mundo.

A arte periférica está também ligada à arte coletiva e pública, dispensa manuais de produção formais e alcança cada vez mais espaços pela sua versatilidade técnica, às vezes agressiva no convívio com o espaço, mas proporcionando possibilidades de pensamentos distintos aos que têm acesso a esse tipo de cultura periférica, dentro de um espaço que está sempre em estado de transformação, provocado por várias influências culturais, artísticas ou intelectuais.

A cidade é cenário de um espetáculo que se renova diariamente. Com uma história de sobreposição de ideias que se modificam e criam uma densidade na intervenção artística aplicada no espaço, o observador tem o que ver em um lugar que antes estaria neutro, pois ali fica representado o imaginário de uma época e de um povo como uma memória visual em contraste com as ações governamentais. Juliana Goiz (2016) em seu trabalho sobre a periferia ressalta que:

[...] o Estado passa a ser ferramenta indispensável para a manutenção de privilégios das classes dominantes, se utilizando do instrumento violência para garantir seus interesses. Podemos verificar esta dinâmica através dos processos de remoção de comunidades carentes, em atendimento à especulação imobiliária, bem como por meio de uma breve análise da população carcerária e dos índices de morte por assassinato de jovens, em sua ampla maioria pobres e pretos (Goiz, 2016, s/p).

Sendo estas questões importantes dentro do pensamento criativo dos artistas de periferia, que em suas manifestações artísticas representam diversas mazelas que contribuem com as injustiças sociais vividas pela população dessas comunidades.

2. A arte “de” quebrada

Dentro de cada comunidade do Distrito Federal existem pessoas que, mesmo no anonimato do circuito artístico convencional, conseguem se expressar artisticamente e influenciar outros indivíduos a questionar e a refletir sobre os espaços urbanos e sobre seu papel como membro de uma sociedade.

A liberdade no processo de criação artística, nesse contexto, deve estar ligada ao processo, sabendo-se que é necessário compreender o passado e o presente de maneira conjunta e responsável, transformando o percurso do artista em algo desafiador e valoroso, e conseguindo trabalhar seu meio de criação para que mais indivíduos possam reconhecer e utilizar desse conhecimento como base para uma mudança significativa nos convívios sociais. SOUZA (2011 pg.15) diz que:

Tais práticas de letramentos estão voltadas para a concretude da vida dos ativistas, relacionando-se às questões culturais e políticas e visando, de alguma maneira, ampliar suas possibilidades de inserção em um lugar de crítica, contestação e de subversão, no qual, como sujeitos de direitos e produtores de conhecimentos, possam forjar espaços e atuar dentro e fora da comunidade em que vivem. Inserir-se nesses lugares provoca a inscrição em uma complexa rede de relações sociais, na qual, por meio dos discursos, negociam-se a ocupação e a sustentação de formas de participação social compromissadas com as transformações das relações sociais e raciais (SOUZA, 2011, p.15).

Assim, surgiram as entrevistas com os artistas Décio Souza (Riacho Fundo II), Diego Rodrigues (Recanto das Emas), Hudson Dias/Hudson HHArts (Samambaia), Laryssa Gabrielle (Recanto das Emas), Sérgio Ianuck (Riacho Fundo II), tendo como base o seguinte roteiro para conduzir os depoimentos gravados em vídeo: o histórico do artista; a técnica usada em suas produções; os temas abordados nos trabalhos de cada um; as influências de outros artistas e dos locais onde vivem para a produção, de alguma forma.

Após a realização das entrevistas e o reconhecimento dos artistas como colaboradores de pesquisa para esse trabalho, foi realizado a construção de um

texto descritivo sobre os artistas e seus respectivos trabalhos, com base nessas informações foi realizado um roteiro usado como mapa de cortes para a produção do vídeo.

O vídeo é um apanhado das informações mais relevantes colhidas das entrevistas feitas com os artistas e traz questões que caracterizam individualmente cada artista com suas particularidades e características relevantes das suas produções.

Nas entrevistas gravadas em vídeo, os artistas tiveram livre oportunidade de falar o que julgassem pertinente aos assuntos abordados. Surgiram questões interessantes sobre as produções, que foram retratadas de maneira particular nas descrições de cada artista. O resultado foi o vídeo de pouco mais de treze minutos (DVD em anexo), realizado para esta monografia em que entrevisto e capto as imagens em vídeo. Davi Félix fez a edição e a montagem por conta de sua experiência com a produção de vídeos com temáticas voltadas para a periferia, sendo inclusive um dos responsáveis por diversos projetos desenvolvidos pelo C. R. U (Centro de Resistência Underground) que ofereceu diversas oficinas de filmagem e fotografia para a população da periferia.

2.1. Diego Rodrigues

Diego Rodrigues é artista atuante da cidade satélite do Recanto das Emas e tem uma produção que envolve várias técnicas e mídias diferentes. Trabalha com a produção de grafite, estêncil, zines e tatuagens com temática voltadas à cultura Hip-Hop e anarquista. Começou a se envolver com a arte aos 13 anos de idade, partindo do desenho e da pintura a óleo com a influência dos quadrinhos escritos por Neil Gaiman e ilustrado por artistas como Bill Sienkiewicz, Dave McKean, Sam Kieth, Charles Vess, Miguelanxo Prado, Jill Thompson, JH Williams III, Milo Manara, Mike Dringenberg, Shawn McManus, Marc Hempel e Michael Zulli. Com pouco tempo já começou a se interessar pela arte da intervenção urbana voltada a temas políticos, como se pode perceber pela Imagem 01.

Atualmente, além de atuar na produção de grafite também se dedica à produção da tatuagem profissional, com um estilo que mistura realismo, com

muitas inspirações em temas do cotidiano e da natureza. Em algumas são adicionadas algumas cores que simulam na tatuagem a técnica da aquarela, criando assim um visual caótico ao desenho que tem uma influência no estilo alemão Trash Polka*, mas com adição de seu próprio contexto desde temas políticos à ilustração de animais como percebemos nas Imagens 2 e 3.

A tatuagem como forma de expressão, segundo o artista Diego Rodrigues, serve para fazer a arte se movimentar tanto nas periferias como nos grandes centros urbanos.

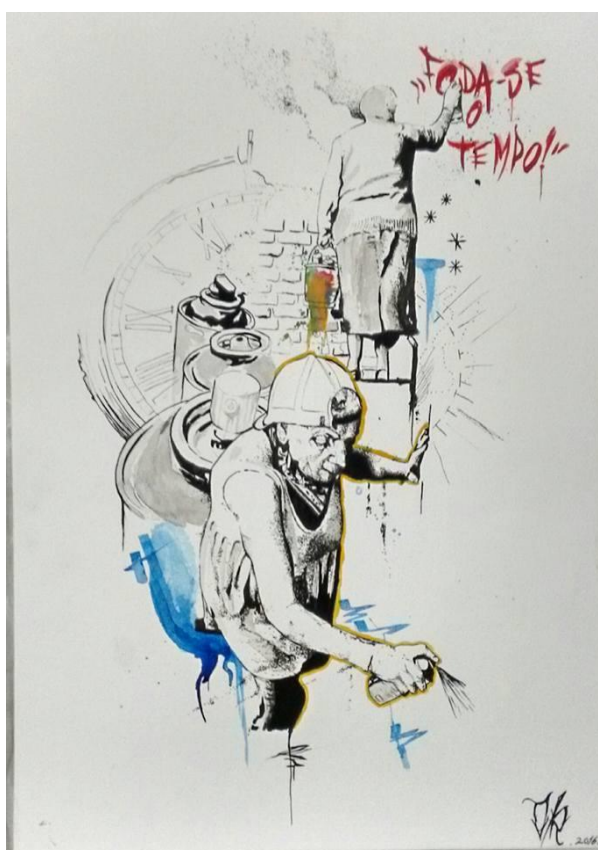


Imagem 01
Diego Rodrigues
Nanquim sobre papel
Foto: Fagner Rodrigues

* O trash polka é a mistura de vários outros estilos dentro da tatuagem, como aquarela e pontilhismo. Porém com uma estética abstrata baseada no visual caótico inspirado em coisas do cotidiano, como muros pichados e cidades em ruínas. Esse estilo peculiar é composto por manchas e “negativos”, ícones da cultura pop e adiciona-se algumas frases ou palavras desconexas.



Imagem 02, 03
artista Diego Rodrigues
tatuagens
Foto: Diego Rodrigues

Influenciado pelo próprio cotidiano e por questões sociais corriqueiras nas periferias do DF como violência, machismo, homofobia e opressão policial, produz uma arte voltada para temáticas anarquistas, tentando abordar em seu trabalho um conteúdo político com temas diversos como: descaso com a população infantil, com o negro e com os menos favorecidos por meio da produção de cartazes, zines e grafite, tendo sua arte como um meio de luta, de ação direta contra as mazelas que afligem o cotidiano do artista que produz nas cidades da periferia de Brasília, como pode ser observado na Imagem 4.

Pelas várias formas de expressão artística utilizadas em seu trabalho, Diego Rodrigues usa diversas técnicas como recurso criativo, entre elas a colagem, a arte digital, o desenho em nanquim, a pintura a óleo, o grafite e a

tatuagem. Em todos esses processos, trabalha com imagens de impacto gráfico, com cores limitadas, em representações de estética turbulenta e de forte caráter político.



Imagem 4
Diego Rodrigues
Nanquim sobre papel
Foto: Fagner Rodrigues

Os desenhos principais de cada composição são monocromáticos e dinâmicos, no que se diz respeito à sensação de movimento. Nota-se também uma técnica de desenho a nanquim com cores que remetem a certa agressividade, como se percebe na Imagem 5.

Nas pinturas não é diferente, o estilo gráfico e a utilização do estêncil em telas de dimensões medianas e suportes alternativos como prancha de *skate* e telas não convencionais (Imagem 6) são características de uma composição com base em temas relevantes para o convívio em comunidades de periferia, figuras humanas interagindo com um meio narrativo e também com a cor, que se apresenta como parte importante na obra e não só como um incremento ao que já está representado.

No trabalho com a colagem digital, ele usa imagens apropriadas e trabalhadas digitalmente para compor narrativas visuais com um estilo de

composição voltada para a produção gráfica com poucas cores, representando formas humanas e animais que interagem na imagem com a cor e o texto em fontes propositalmente trabalhadas para serem legíveis e de impacto visual alto, como se encontra na Imagem 7.



Imagem 5
Diego Rodrigues
Nanquim sobre papel
Foto: Fagner Rodrigues

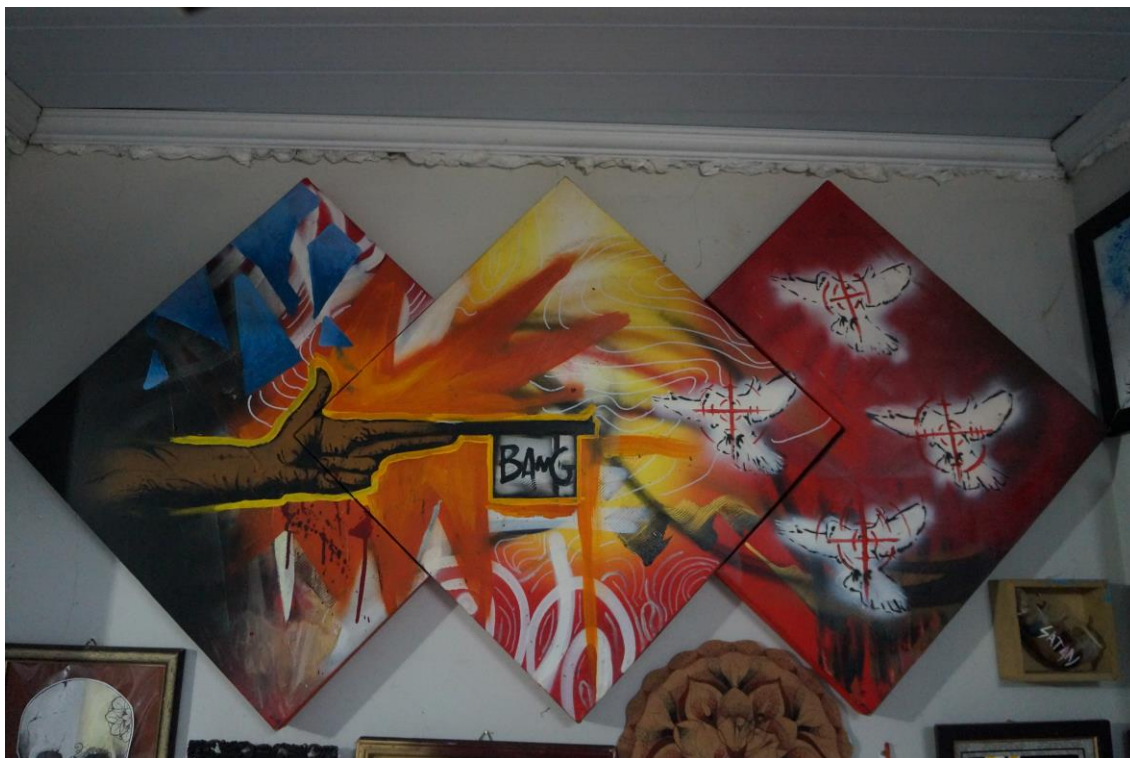


Imagem 6
Diego Rodrigues
tríade, óleo sobre tela
Foto: Fagner Rodrigues

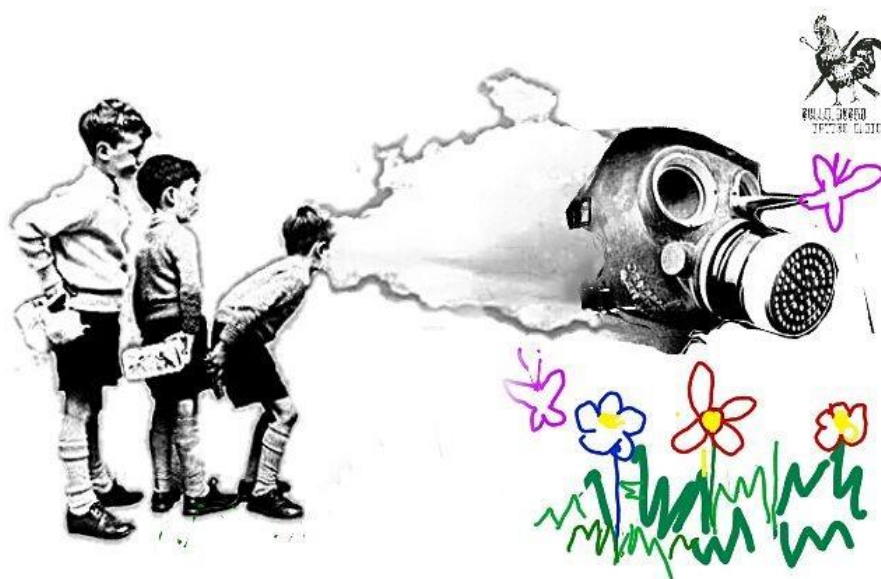


Imagem 7
Diego Rodrigues
colagem digital
Foto: Diego Rodrigues

Sua produção artística tem como intenção mostrar um cotidiano muitas vezes violento e injusto, atuando de forma política com desenhos e pinturas que mostram uma realidade vivida em comunidades periféricas do DF. Seu trabalho é usado como meio de luta direta contra um sistema que aflige e oprime pessoas menos favorecidas economicamente. Por meio da arte visual ele denuncia fatos de relevância política e resgata valores de identidade negra na periferia. É reconhecido pelo seu trabalho com arte corporal e pela preocupação com temas que se refletem na luta diária das pessoas que vivem em situação de risco dentro das satélites do Distrito Federal.

2.2 Hudson Dias/Hudson HHArtes

Grafitreiro atuante na cidade de Samambaia começou a desenhar quando criança e no início de sua adolescência começou a se interessar pela produção artística após começar a frequentar oficinas de grafite e a interagir com outros artistas do meio e da cultura hip hop. Assim, sua arte é visual e se dá por meio do rap.

Influenciado por artistas locais de sua própria comunidade, Hudson Dias classifica sua arte como “afroguerrilha periférica, ou seja, uma arte libertadora negra, uma arte que tem como objetivo resgatar a identidade do negro e da negra de periferia tentando representar uma minoria que é a maioria”. O poeta Sérgio Vaz (2012,s/p), no poema *Magia Negra*, diz: “Magia negra são os brancos que são solidários na luta contra o racismo. Magia negra é [são] o RAP, o Samba, o Blues, o Rock, Hip Hop de Africabambaataa. Magia negra é magia que não acaba mais.”

Assim, movido pela vontade de expressar em sua arte a magia da identidade negra, Hudson Dias trabalha com contextos sociais e personagens que se refletem um pouco dessa identidade vista nos rostos dos moradores da periferia. Ele afirma que seu modo de vida é ligado à resistência, a algo que está

fora da ordem, pois, sendo contra cultural pelo movimento Hip Hop, é grafite, colagem, reutilização, decoração urbana, arte negra, periférica e marginal.



Imagem 8
Hudson Dias
foto do artista produzindo

O sonho do menino da Samambaia Norte se expressa em muros, telas e folhas. Começa, assim, a frequentar os circuitos artísticos das periferias do DF que lhe deram uma base artística voltada para temas políticos de ação contra o racismo e de resgate de uma identidade negra, tratando o grafite como forma de mostrar o poder do negro e sua origem africana, tentando resgatar a identidade por meio de fatos que ocorrem nas periferias, negativos e positivos, como o descaso com a população economicamente desfavorecida, essa identidade está representado na imagem 9. Por outro lado recebe o reconhecimento das pessoas como obra de arte. O cotidiano nessas comunidades é retratado no seu trabalho, que mostra um pouco da vivência em periferia e como, apesar de todas as injustiças e descasos que se vê, esse ambiente se torna parte fundamental na criação do indivíduo, o lugar se torna importante na formação do artista e de sua identidade social.

Com uma arte que vai da produção de intervenções por meio do grafite até a pintura em telas, Hudson trata a arte visual como meio de interação em comunidade, como forma de educar e criar pensamentos críticos em jovens em um meio social de risco. Faz isso em oficinas de produções artísticas voltadas para o movimento do grafite e da cultura Hip Hop que abrangem não só os

contextos voltados ao desenvolvimento da arte, mas também uma série de relações do indivíduo com a sociedade em que vive, fatos e histórias que ocorrem nas periferias do DF, e como todas essas coisas podem influenciar o fazer da arte dentro desse contexto. Traz essas questões por meio de encontros de cultura e oficinas de grafite como exemplifica a imagem 10.



Imagem 9
Hudson Dias
Colagem, óleo sobre tela
Foto: Hudson Dias



Imagem 10
Hudson dias
Encontro de arte urbana
Folheto digital

Bauman (2005, p. 12) diz que “numa sociedade que tornou incerta e transitória a identidade social, cultural e sexual, qualquer tentativa de solidificar o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída”. Hudson se preocupa com a localização da obra dentro dos espaços urbanos como meio de facilitar a leitura do espectador levando em consideração que o significado simbólico de uma obra de arte não é dado apenas pelo sentimento representado pelo artista, mas também parte desse sentido é dado pelo senso crítico de cada observador, principalmente se tratando de uma obra de arte com um contexto tão relevante para o âmbito social e artístico.

Como exemplo de um dos trabalhos de colagem de Hudson Dias temos a imagem 11, que além da formação gráfica busca esclarecer o contexto do consumo, das trocas simbólicas, e mandar uma mensagem clara aos habitantes das quebradas, demonstrando sua arte com forte apelo social resultado do ambiente onde vive.

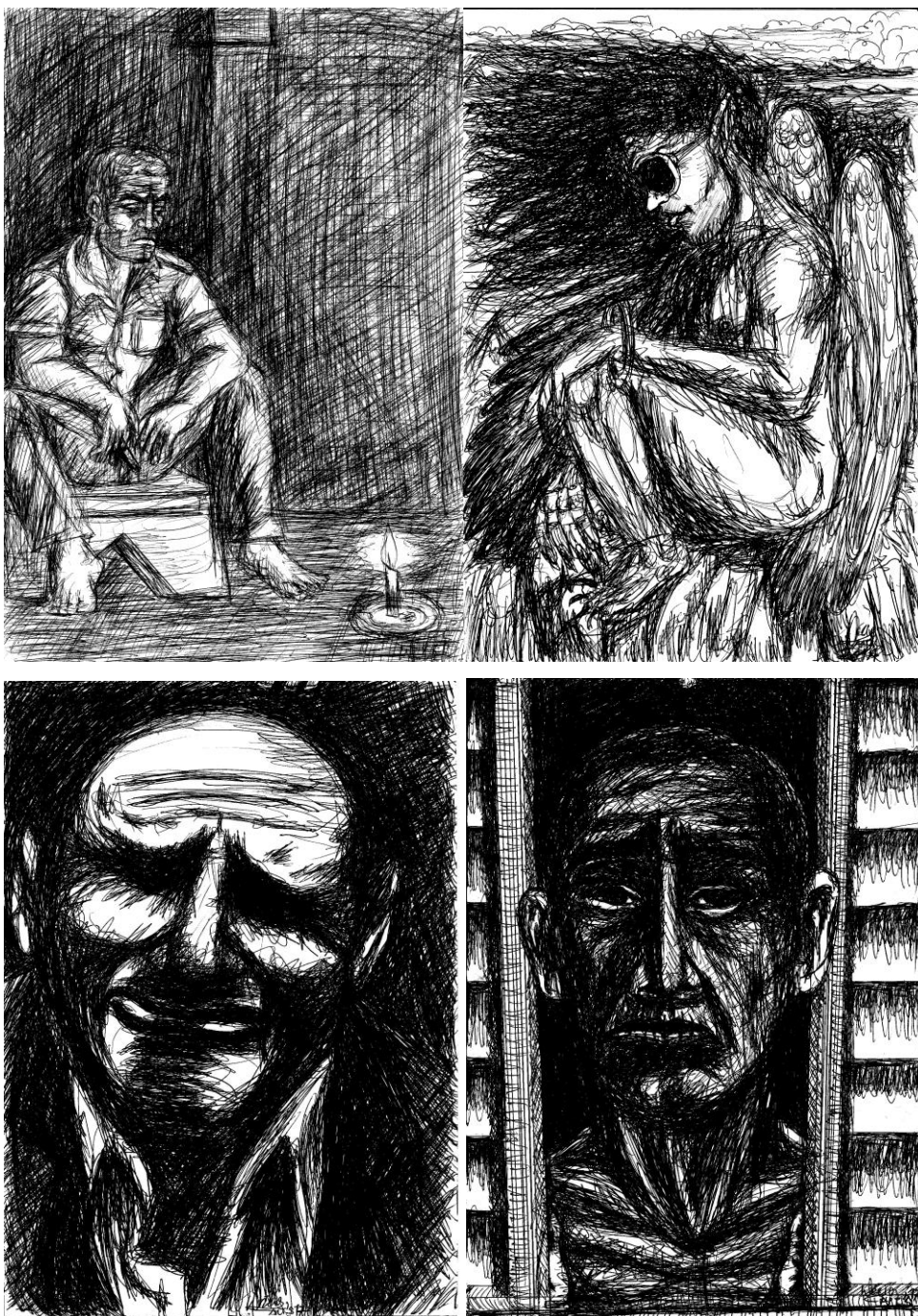


Imagem 11
Hudson Dias
colagem
Foto: Hudson dias

2.3. Décio Souza/ Décio Art's

O artista Décio de Souza Bernardo trabalha com o nome profissional de Décio Art's, mesmo nome de sua página no Facebook em que é divulgado parte de seu trabalho, como obras de pintura em comércios, desenhos com temas diversos, ilustrações produzidas para os livros "Universos Paralelos" e "Anjo Reverso", ambos escritos por Alexandre Bernardo e lançados pela editora Clube de Autores e vendidos nas versões impressa ou digital. Nesses livros, utilizando sempre o traço rápido e por vezes despojado para criar a arte se baseando nas cenas descritas nos livros e na inspiração que lhe vinha quando fazia a leitura dos

poemas, buscando unir a arte à literatura. Alguns resultados desse trabalho podem ser vistos nas Imagens 12,13,14 e 15.



Imagens 12,13,14 e 15
Décio Art's
ilustrações produzidas para os livros “Universos Paralelos” e “Anjo Reverso”
caneta esferográfica sobre papel
Foto: Alexandre Bernardo

Ele começou a produzir arte inspirado nos trabalhos realizados por hippies na praia de Copacabana que faziam retratos das pessoas que transitavam na praia. Logo se interessou pela produção de desenhos de retratos de seus familiares, sempre influenciado por histórias e acontecimentos que fazem parte de sua vida. Décio Souza produz arte em diversas linguagens: desenhos, ilustrações, esculturas, pinturas e quadrinhos, com obras que retratam acontecimentos e fatos de sua própria história.

Teve na adolescência um envolvimento com a produção de histórias em quadrinhos, geralmente baseadas em filmes de terror como, por exemplo, o Conde Drácula, de 1970 do diretor Roy Ward Baker, que, inspirado nesses personagens, criava histórias de terror com vampiros, lobisomens e assassinos. Outra inspiração para os quadrinhos feitos em sua adolescência são os filmes eróticos de Jesse Valadão, que era um ator de filmes eróticos na época.

Começou cedo a trabalhar com esculturas e entalhes em madeira. Sua primeira obra desse tipo foi “A Namorada” que mostra a mulher de costas com curvas acentuadas, mas trabalhada de maneira rústica, conforme se observa na Imagem 16.



Imagens 16
Décio Art's
A namorada
entalhe em madeira
Foto: Fagner Rodrigues

Chegou a Brasília na década de 1970 e começou a trabalhar com produção artística em madeira com influência das paisagens de pinturas barrocas,

na torre de TV em um ateliê de um amigo artista chamado Frank que lhe serviu de influência na produção de entalhes em madeira.

Tem uma boa técnica em desenhar retratos rápidos com caneta esferográfica preta, um desenho extremamente espontâneo e coerente. Décio fala que para um bom retrato, “quanto mais feia for a pessoa, melhor ficará”, em virtude das expressões mais marcantes e únicas de um rosto que não se enquadra nos padrões de beleza atuais. Ele exemplifica de maneira bem-humorada, falando do desenho que havia feito de um amigo chamado Rafael em caneta esferográfica preta sobre papel A4, que vemos na Imagem 17.

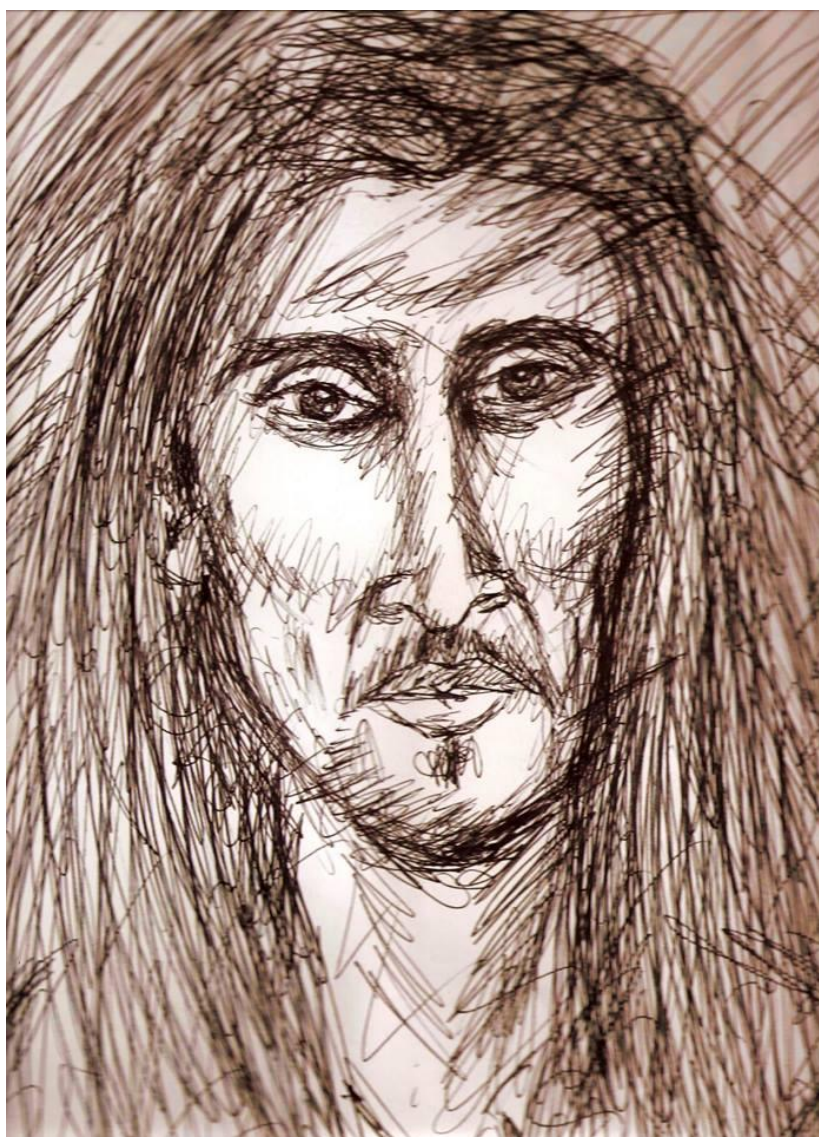


Imagem 17
Decio Art's
Retrato de Rafael
Caneta esferográfica sobre papel

A inspiração do artista vem de imagens mentais e relações com o espaço em que habita. As obras têm influência religiosa em sua produção, principalmente na reprodução de entidades africanas e imagens cristãs que geralmente são destinadas à venda. Trabalha com materiais diversos na escultura, como madeira, argila e concreto celular, em diversos tamanhos e temas para suas criações. Como exemplo, temos as obras como o “O Neném” e “O Leão” nas Imagens 18 e 19.



Imagem 18
Décio Art's
"O Neném"
Escultura em madeira

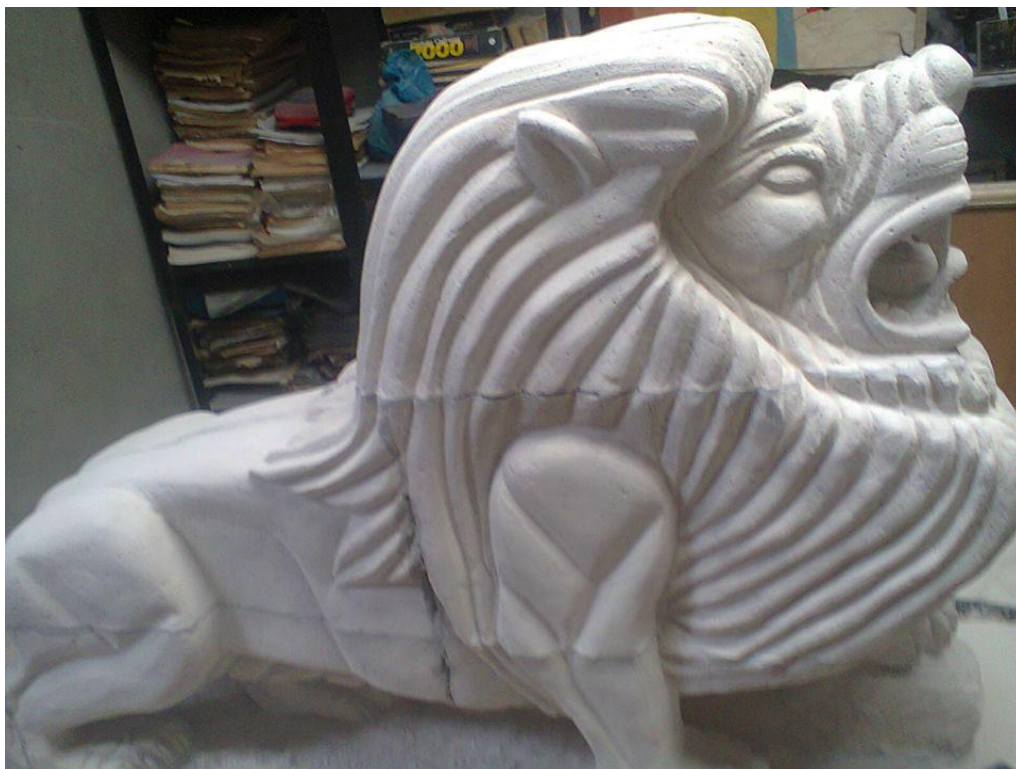


Imagem 19
Décio Art's
“O Leão”
Escultura em concreto celular

Décio Souza traz alguns elementos reflexivos pertinentes ao contexto da construção do pensamento artístico e seus objetivos como meio de transmissão de conhecimento e pensamento crítico visual. Trata a arte como uma forma de compartilhamento de pensamentos e sentimentos por meio de uma narrativa visual de símbolos e fatos relevantes em sua trajetória como artista. Comunica, assim, ideias e práticas estabelecidas por influências que se refletem na sua composição na pintura, que resgata características clássicas expressionistas e românticas.

Acusa ter influências de artistas como Michelangelo, Salvador Dali, Van Gogh, Renoir e muita influência das artes produzidas para discos de rock como, por exemplo, as capas dos discos de Rick Wakeman, com tema do Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda, de 1987, reproduzido em óleo sobre tela na Imagem 20, além das imagens do mascote da banda Iron Maiden. O chamado Eddie da banda inglesa é admirado e faz parte de suas inspirações, como também as esculturas da Roma Antiga. Ele gosta de temas como paisagens,

animais, desenhos bucólicos e efeitos de iluminação e sombra, o que gera uma dramaticidade em suas pinturas.



Imagem 20
 Décio Art's
 "Cavaleiros da Távola Redonda"
 óleo sobre tela

Com um trabalho marcante e uma personalidade única, Décio Souza influenciou uma geração de artistas na cidade Riacho Fundo II, sendo referência em desenho e pintura para artistas que frequentavam seu ateliê.

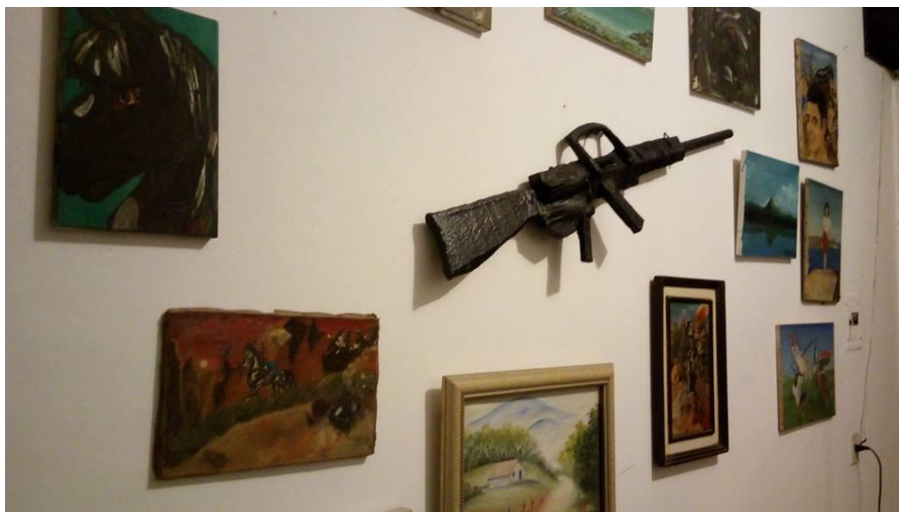
Participa também de uma mostra de arte da periferia, conhecida como "Sarau Boca das Artes"*, que apresenta quadros, esculturas e projetos de intervenção urbana. Além de ser palco de declamações de poemas, lançamento de livros de escritores brasileiros como Alexandre Bernardo e Nicolas Behr, o espaço conta com shows de bandas locais como a Blues Bends, Jack Gôd e representantes de outros estilos como o Rap e o Hip Hop.

Nesse evento, Décio buscou apresentar alguns itens de sua produção com o objetivo de incentivar e motivar a nova geração a produções pessoais e mostrar que é possível criar arte de qualidade na periferia e se os grandes

* o sarau é realizado no setor de oficinas da cidade de Taguatinga, próximo à avenida boca da mata.

museus não se encontram na quebrada, a organização e o auxílio mútuo podem produzir exposições artísticas motivadoras.





Imagens 21,22,23 e 24
Décio Art's
Montagem da exposição no "Sarau boca das artes"

2.4 Sérgio Ianuck

Sérgio Ianuck é artista atuante na cidade do Riacho Fundo II e sua obra abrange várias técnicas de produção, como: desenho, pintura, entalhes em madeira, gravuras, esculturas em chumbo, serigrafias e pintura a óleo. Influenciado na infância pela mãe que tinha uma formação artística vinda do estudo em conventos, ele começa a produzir pintura ainda no início da adolescência após ganhar um kit de pintura de sua mãe. Trabalha em várias áreas da produção artística desde a pintura até a cenografia.



Imagem 25
O artista Sérgio Ianuck
Foto: Fagner rodrigues

Sérgio Ianuck trabalhou com computação gráfica na Radiobras produzindo vinhetas e cenários para a TV nacional e ministrava aulas de Criações em Volume e foi contemporâneo, entre outros, de Lauro Nascimento Elmira Hermano (Mirinha), Yara Pietrikovsky, Murilo Eckardt e Laís Aderne.

Pintor figurativo e extremamente técnico em sua composição, trabalha com questões que envolvem o movimento e a narrativa visual em telas de diversas dimensões, costuma trabalhar com séries de pinturas relacionadas umas com as outras por meio de temas que variam da relação do homem com a natureza até temas religiosos e políticos. Temos um exemplo de sua produção na Imagem 26.



Imagem 26
Sérgio Ianuck
Pintura em óleo sobre tela
Foto; Fagner rodrigues

Seu trabalho impressiona pela qualidade técnica e pela poética visual extremamente minuciosa, com o equilíbrio dos elementos pictóricos executados com óleo sobre tela.

O apego por questões voltadas à natureza e a destruição causada pelo homem no ambiente é o tema de sua mais recente série de pinturas que se chama “Em Obras”. Nela retrata a fragmentação do cenário por máquinas e traz uma crítica ao crescimento desordenada das cidades do DF, como, por exemplo, o Riacho Fundo II, que é considerado atualmente um dos maiores canteiros de obras do DF. Por meio de pinturas que retratam tratores em ambientes de mata, Sérgio Ianuck mostra com o uso do branco, o vazio sendo incorporado à paisagem.

Seu trabalho mostra também que a natureza está sendo devorada por tratores que “comem” a paisagem e destroem áreas que anteriormente eram usadas de maneira recreativa, buscando que o apreciador de sua obra perceba a necessidade de refletir sobre a temática da sustentabilidade e da qualidade de vida que, por vezes, é deteriorada por conta dessas obras. Como exemplo dessa escolha temática para suas obras podemos perceber a Imagem 27.



Imagem 27
Sérgio Ianuck
Serie “em Obras”
Pintura em óleo sobre tela
Foto; Fagner Rodrigues

Sua arte também tem envolvimento com a religiosidade, em suas representações de entidades e sereias de forma representativa tradicional e em representações do gênero, personificando e dando formas humanas a essas entidades. Essas representações podem ser verificadas na Imagem 28. Sua obra também apresenta certo teor crítico a manifestações religiosas como pode ser visto na obra “Nossa Senhora dos braços cruzados” que é considerada uma das obras mais enigmáticas de Sérgio, tanto em sua composição pictórica quanto em seu teor poético, conforme se percebe na imagem 29.



Imagem 28
Sérgio Ianuck
Pintura em óleo sobre tela
Foto; Fagner Rodrigues



Imagem 27
Sérgio Ianuck
Nossa senhora dos braços cruzados
Pintura em óleo sobre tela
Foto; Fagner Rodrigues

Sua trajetória como artista foi relevante nesta pesquisa, pois em sua entrevista ele trouxe várias opiniões sobre assuntos pertinentes à contemporaneidade da arte e também mostrou muito conhecimento técnico em varias áreas de produção artística, como, por exemplo, a experiência com forjamento de metais e escultura em madeira, sendo tecnicamente perfeccionista na elaboração dos trabalhos. Podemos perceber o uso variado de suas técnicas na obra representada na Imagem 28.



Imagem 29
Sérgio Ianuck
Entalhe em madeira
Foto; Fagner Rodrigues

Influenciado por artistas como Salvador Dalí, Picasso, Escher e principalmente Vasarely, este que influenciou Sérgio na elaboração de aspectos referentes à *optical* arte retratados em seus trabalhos em alguns elementos dispostos em sua obra.

Trabalha com produção baseada no movimento, afirma gostar de trabalhar com narrativas encontradas em quadrinhos, textos e peças teatrais como pode ser visto em sua série escultórica de entalhes em madeira baseada na peça de Paulo Afonso Grisolli, “Avatar”, mostrada na reprodução da Imagem 30.

Um artista que já fez várias exposições em centros de arte respeitados no Distrito Federal e também na produção de cenografias para peças teatrais. A maioria da sua produção se trata de telas a óleo, pintadas com bastante cuidado

e leveza, até mesmo com certa sensualidade, fazendo com que o espectador tenha uma visão de uma ideia importante no contexto atual, uma ideia de cuidado com o ambiente em que se vive retratada por meio de belas pinturas, demonstrando o respeito pela natureza.



Imagem 30
Sérgio Ianuck
Serie "Avatar"
Entalhe em madeira
Foto; Fagner Rodrigues

2.5 Laryssa Gabrielle

Formada em Artes Plásticas na Universidade de Brasília, Laryssa Gabrielle trabalha com linguagens da pintura, do desenho, da fotografia e da escultura. Professora da Secretaria de Educação, atuante também no Recanto das Emas, Laryssa usa seu conhecimento em produção artística em sala de aula para melhor orientar seus alunos no ensino da arte. Tem um trabalho que começou a partir da disciplina Pintura, em 2006. Desde então não parou mais de produzir telas e desenhos.

Usa em suas composições tinta acrílica sobre tela e papel e tem como um tema marcante a presença das mãos em representações que descrevem as expressões em gestos. São as marcas e cicatrizes que as mãos carregam, de certa forma remetendo à ideia de tempo em ação direta sobre a pele e a história que suas marcas contam, conforme podemos perceber na Imagem 31.

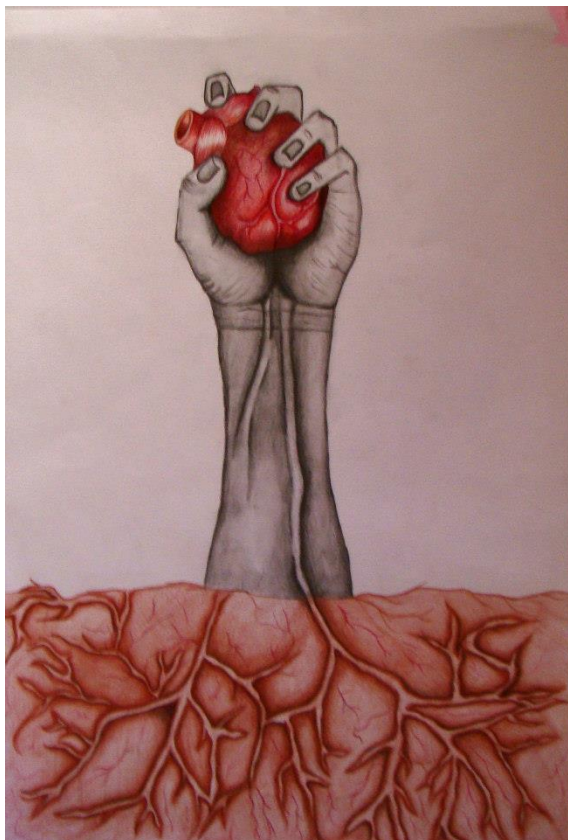


Imagem 31
Laryssa Gabrielle
Verbo secar no imperativo
Lápis de cor sobre papel
Foto: Laryssa Gabrielle

Quando começou a produzir se apropriava de fotografias para fazer sua composição; depois começou a fazer suas próprias fotos para as pinturas que, até aí, eram voltadas sempre para esse tema: as mãos.

Ela possui um trabalho escultórico também voltado para esse tema e seus elementos, no que trabalha de forma tátil as questões da expressão, formatos, texturas e marcas, relacionando o objeto com fotos de pessoas usando as mãos. Nessas obras acaba fazendo uma ligação direta com o tema, já que os objetos são de livre acesso ao público, podendo ser sentidos por meio do toque e da

imaginação ao relacionar a obra com o espaço e a imagem, trabalho que pode ser visto na Imagem 32.



Imagem 32
Laryssa Gabrielle
Foto: Laryssa Gabrielle

Recentemente, vem trabalhando o coração como tema de suas telas, como representação de sentimentos e de acontecimentos de seu próprio cotidiano. Ela diz que esse trabalho “é como se fosse uma autobiografia”. A temática se reflete na imagem construída de maneira figurativa, incorporando em seu trabalho elementos que fazem parte da paisagem do Distrito Federal e, consequentemente, de seu dia a dia, contando a sua história e exemplificando sua maneira de enxergar o mundo. Nesse momento, a artista se utiliza de materiais como texturas do cerrado, flores, árvores em cores terrosas e também estampas que dialogam na obra como um elemento complementar aos temas abordados. Pode-se conferir a exemplificação desse trabalho na Imagem 33.



Imagem 33
Laryssa Gabrielle
“Fértil”
Lápis de cor e acrílica sobre papel
Foto: Laryssa Gabrielle

A fé cristã também é um tema abordado em suas pinturas em que crenças pessoais se juntam a elementos como a mão e coração na obra “Representação da oferta”, mostrada na Imagem 34. Esta obra foi feita em acrílico sobre papel, na forma de uma cena de entrega de um coração já em estado de apodrecimento sobre uma bandeja, tencionando representar a doação do sentimento na forma como é, nem sempre belo, mas realmente verdadeiro.

Influenciada por azulejos e pelas questões orgânicas da carne presentes na obra da artista Adriana Varejão, Laryssa produz uma obra com certo tom de exagero que realça a dramaticidade. Outros artistas que a influenciaram foram seus professores da universidade Elder Rocha, professor de pintura, que, segundo ela, a ajudou no entendimento do exagero e do cafona em sua produção; e Luísa Günther, sua orientadora, que ajudou a levar sua temática com as mãos a outras linguagens.



Imagem 34
Laryssa Gabrielle
“Representação da oferta”
Acrilica sobre papel
Foto: Laryssa Gabrielle

3. Arte local, uma ferramenta pedagógica

A prática artística nas quebradas tem o poder de interferir na realidade e fazer transparecer suas influências no meio social. Projetos sociais, intervenções e divulgação dos trabalhos realizados proporcionam às pessoas que nelas vivam uma atuação conjunta, fomentando o interesse pelo conhecimento coletivo promovido pelas artes.

A quebrada movimenta um cenário artístico ainda pouco explorado no meio educacional. No cotidiano do ensino da arte nas escolas das periferias há uma juventude informada sobre as mazelas que afligem o nosso cotidiano e ciente de que a arte pode reduzir o impacto negativo que o meio de risco em periferia causa nos jovens que nela habitam.

O cantor Mano Brown (1992) diz em sua canção *Voz Ativa* que “chega de festejar a desvantagem, e permitir que desgastem nossa imagem, descendente de negro atual meu nome é Brown, não sou complexado e tal, apenas racional”.

Pensando na escola como um complemento à educação e à formação de um cidadão capaz de contribuir no desenvolvimento da sociedade, devemos pensar como educadores em maneiras de ensinar a arte como algo presente no nosso próprio meio de vida, algo importante e essencial no qual estamos presentes, independente de formação ou talento nato em algum ofício artístico. O ensino da arte deve contribuir na formação sensível e criativa dos estudantes construindo uma identidade pensante e crítica, em relação ao mundo e na construção do conhecimento.

O que se observa na educação para as artes é um descaso com a capacidade que a arte tem de mudar a sociedade. Por meio da educação é possível transformar a realidade de uma comunidade gerando conhecimento, maximizando a cultura local e valorizando os artistas que trabalham em prol das comunidades por meio do trabalho em projetos educacionais que se utilizam da arte.

Albert Camus já afirmou em seu discurso para o Prêmio Nobel em 1957 que:

Pessoalmente, eu não posso viver sem minha arte. Mas eu jamais coloquei essa arte acima de tudo o mais. Se, em compensação, dela necessito, é porque não está separada de ninguém e me permite viver, tal como sou, no mesmo nível dos demais. A arte não é, a meu ver, um divertimento solitário. É um meio de comover o maior número de homens, oferecendo-lhes uma imagem privilegiada do sofrimento e das alegrias comuns (Camus, 1957, p. s/p).

A arte na escola não é uma disciplina secundária que possa ser tratada com o uso de métodos estacionários e contrários aos outros campos do conhecimento. Dewey (2010) afirma que:

[...] a arte é a mais universal e mais livre das formas de comunicação... É a extensão da função dos ritos e cerimônias unificadores dos homens... Ela também conscientiza os homens de sua união como os outros na origem e no seu destino. (Dewey, 2010, p. 108)

Partindo desse pensamento, observa-se a arte como vivência, como uma ligação entre o indivíduo e a sociedade e uma ponte entre toda a carga cultural, política e social que a arte introduz no indivíduo que dela vive e para quem ela é feita.

Durante a disciplina de Estágio II uma apresentação de conteúdo aos alunos do CEM 1 do Riacho Fundo foi baseada na vivência e na produção cultural facilmente encontrada no cotidiano dos alunos, conforme descrevo, a seguir. Essa experiência levou a pensar que o ensino da arte da maneira que é aplicado não consegue alcançar objetivos concretos e consideráveis na formação crítica e social dos alunos das quebradas, que simplesmente estudam história da arte de maneira rasa e de forma pouco interessante, pois o professor ministra o conteúdo e os alunos decoram simplesmente para poder conseguir uma boa nota na prova.

As aulas eram ministradas com base em exposição histórica dos períodos artísticos referentes a cada estágio letivo e características dos movimentos artísticos e falava-se sobre os principais artistas e fatos pertinentes da vida dos mesmos. Percebi que fazia falta uma apresentação das obras com imagem, pois não havia uma apresentação das obras em si, o que dificultava o entendimento e fazia com que a aula não fosse tão interessante quanto poderia ser se fosse utilizada mais a imagem, ou seja, o produto final do trabalho dos artistas, como

base para o estudo nas aulas. Os autores Magali Reis e Luiz Armando Bagolin (2011) dizem que:

Para John Dewey, a compreensão da experiência estética verdadeira passa pela consideração de seu "estado bruto" quanto às formas de ver e ouvir como geradoras de atenção e interesse, e que podem ocorrer tanto a uma dona de casa regando as plantas do jardim quanto a alguém que observa as chamas crepitantes em uma lareira. (...) a visão de Dewey sobre a arte reclama pelo total engajamento do artífice em relação ao produto que fabrica, assim como pela consciência sobre o seu processo (Magali Reis e Luiz Armando Bagolin, 2011, pg.01).

Percebi que os alunos, em sua grande maioria, não estavam muito dedicados a ouvir e entender o que o professor estava fazendo. O que acontecia era que o professor copiava o conteúdo no quadro e os alunos ao fim da aula fotografavam com o celular para copiar em outra ocasião. A falta de imagem na realização da aula empobrecia muito o desenvolvimento do conteúdo, pois ficava algo vazio e pacato. Sem uma abordagem que utilizasse da história com a prática e a vivência com a arte.

Quando tive a oportunidade de ministrar as aulas, pensei em usar uma abordagem mais direta com a realidade dos alunos, que eram adolescentes moradores das cidades do Riacho Fundo I e Riacho Fundo II. Procurei algumas referências de imagens que estavam presentes nesses locais e foi realizada uma breve pesquisa sobre os artistas que a produziam tentando relacionar o movimento artístico estudado por essas turmas do terceiro ano do ensino médio com os artistas locais escolhidos.

Essa se transformou, assim, em uma ferramenta didática nessas aulas. Alguns artistas reconhecidos e estudados e outros, de certa forma, desconhecidos dentro do circuito de arte convencional, mas que, por outro lado, eram mais familiares à realidade vivida pelos alunos.

Foi produzido um plano de aula levando em consideração o aspecto histórico, característica do movimento e prática do desenho baseada no contexto estudado. Tentou-se usar uma abordagem voltada à apresentação de imagens. Para isso foi utilizada a sala de projeção da escola, explorando também o uso de vídeos e músicas relacionados ao tema da aula.

Após realizar a apresentação do conteúdo, um trabalho prático foi proposto, no qual o aluno deveria realizar um trabalho de intervenção baseado em si mesmo, a partir de algum material impresso, que poderia ser uma imagem, um

texto, um quadrinho ou qualquer outro suporte que pudesse ser utilizado para a intervenção. Para esse trabalho não foi definida que técnica ou matérias poderiam ser usados para a prática artística.

Observou-se nos resultados um nível de produção satisfatório com os trabalhos que foram entregues. Alguns tiveram uma demonstração ótima de criatividade. Notou-se nos trabalhos os interesses de cada aluno e as influências dos artistas locais que foram apresentados em sala, levando em consideração artistas que eram familiares aos conhecimentos dos alunos e relacionando os trabalhos apresentados com o modo de interpretar o conhecimento adquirido dentro de uma cultura periférica.

Considerações Finais

Este trabalho buscou mostrar como a produção da periferia, tal qual um movimento artístico, tem grande poder de transformação social e pode produzir conhecimentos a respeito da própria comunidade, pois faz dela protagonista da cadeia produtiva do processo artístico.

Ao se construir segmentos positivos na formação artística de uma população que vive em condições de exposição a riscos, as mazelas sociais se transformam em um espaço de positividade se utilizada dentro do processo de criação das mais diversas artes, pelos artistas da própria comunidade.

Como produtores de conhecimento artístico de posições politicamente engajadas dentro da sociedade, suas obras e ideias contribuem para a formação de uma sociedade mais crítica e atuante.

A escolha dos artistas foi feita através de uma pesquisa em redes sociais, onde eu busquei encontrar artistas nas cidades satélites do Distrito Federal, tive também a ajuda do meu amigo Davi Félix que como produtor de eventos voltados a apresentação de artistas locais, me passou vários contatos de pessoas que produziam arte nas quebradas, entrei em contato com todos mas não consegui obter êxito com a maioria, alguns não responderam meu contato e outros por motivo de disponibilidade não puderam contribuir com minha pesquisa. Mas no decorrer do trabalho percebi que tive como colaboradores dessa pesquisa artistas de diversos estilos e temáticas, os artistas Diego Rodrigues e Hudson dias contribuíram com assuntos mais politizados e voltados a temas de descaso social e identidade negra, Décio Souza mostra uma variedade de possibilidades técnicas em seu trabalho e em seus temas diversos com influências de seu próprio cotidiano, Sergio Ianunk com um vasto conhecimento em técnicas de produção acrescentou muito com seu trabalho voltado a temáticas da natureza e Laryssa Gabrielle representando as mulheres artistas da quebrada, mostra um trabalho com mensagens de fé e sentimentos humanos em relação ao próximo e a natureza.

O fato de Laryssa ser a única mulher e a única com formação artística dentro da universidade não foi algo planejado dentro da pesquisa, inicialmente

não tinha a informação sobre a sua formação, foi um dado a respeito da artista que só tive durante sua entrevista, haviam outras mulheres artista que gostaria de ter entrevistado, mas por motivos de falta de tempo das mesmas não tive a oportunidade de usar seus trabalhos nessa pesquisa.

No que se diz respeito à liberdade de expressão e à formação de pensamentos políticos, a periferia ganha seu destaque por meio dessas pessoas que produzem de maneira sincera e com identidade própria uma arte de compreensão mútua dentro do circuito artístico das quebradas.

Como morador e artista atuante dentro da minha quebrada tenho orgulho de dizer que faço parte de um circuito de artistas com pessoas realmente interessadas e dedicadas na produção cultural periférica. Tenho orgulho de dizer que conheço verdadeiros artistas e pensadores importantes para a formação dessa e das próximas gerações de artistas.

Referências

BAGOLIN, Armando Luiz. Reis, Magali. **Arte além do bem e do mal**. Cadernos de Pesquisa. vol.41 no. 142, São Paulo, 2011.

BENETTO VECCHI. Entrevista a Benedetto Vecchi. In: BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

BROWN, Mano. **Voz Ativa. Racionais MC's**. 1992. Disponível em: <https://genius.com/Racionais-mcs-voz-ativa-versao-radio-lyrics>. Acessado em: 24.06.2017.

CAMUS, Albert. **Discurso do Prêmio Nobel de 1957**. Estocolmo, no dia 10 de Dezembro de 1957. Disponível em: <http://blogdo.yurivieira.com/2009/06/discurso-albert-camus/#sthash.VFg5ZRK2.jzBaDTZk.dpbs> Publicado em: 17.06.2009 e traduzido por Yuri Vieira. Acessado em 24.06. 2017.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, São Paulo, Martins Fontes, (Coleção Todas as Artes), 2010.

FERREZ. KASKÃO TADDEO, Eduardo. **Conzpirasom. Trilha Sonora do Gueto (T\$G)**. 2016. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/trilha-sonora-do-gueto/conzpirasom.html>. Acessado em 24.06.2017.

GOIZ, Juliana de Almeida. **Identidade Marginal: processos culturais na periferia**. Revista Convergência Crítica; Dossiê Questão Racial, nº 8, 2016.

MAGNANI, José Guilherme. **Trajeto e Trajetórias**. Revista Sexta-Feira, São Paulo, v. 8, p. 30-44, 2006.

SILVA, Juliana do Carmo. **Cultura Periférica, a voz da periferia**. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/683-1889-1-PB.pdf> acessado em: 24.06.2017.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

VAZ, Sérgio. **Antes que seja tarde**. Disponível em: <http://otaboanense.com.br/blog/sergiovaz/2242> publicado em: 17.08.2015. Acessado em 24.06. 2017.

VAZ, Sérgio. **Magia Negra**. Disponível em: <http://coleccionadordepedras1.blogspot.com.br/2012/07/magia-negra-magia-negra-era-o-pele.html> publicado em: 16.07.2012. Acessado em 24.06. 2017.